

LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. 3. ed. crítica e anotada. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

Carlos Augusto Novais
Universidade Federal de Minas Gerais

A prosa experimental do *Catatau*, de Paulo Leminski, teve sua primeira edição, bancada pelo próprio autor de forma independente, em dezembro de 1975. Impressa pela Grafipar, uma gráfica de Curitiba, foi organizada em um volume de 13 x 20 cm, de 224 páginas, contendo dedicatória, epígrafes, excertos críticos e iconografia histórica. Sua capa trazia, no alto, em vermelho, ocupando toda a largura do livro, o título *Catatau* em grandes letras; em preto e branco, ocupando o restante do espaço, numa espécie de fotograma, uma montagem seqüencial de cenas de luta elaborada com desenhos primitivos do Egito antigo. Foram impressos 2000 exemplares.

A segunda edição do livro foi publicada pela Editora Sulina, de Porto Alegre, em 1989. Seu texto, revisto e alterado por Leminski, trouxe ainda algumas notas de

rodapé explicativas. Composto por um volume de 15,5 x 22,8 cm, de 231 páginas, apresentava dedicatória, epígrafes, dois textos do autor tecendo comentários sobre o livro e alguma fortuna crítica (excertos e textos completos). Sua capa trazia uma foto do filósofo René Descartes alterada e colorida por computador.

Quase trinta anos depois de sua primeira aparição, presenciamos, em fins de 2004, a publicação da terceira edição crítica e anotada do *Catatau*, levada a efeito por uma equipe de pesquisadores da área de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, coordenada pela Profa. Dra. Marta Moraes da Costa, a partir de uma sugestão do poeta Décio Pignatari, na condição de consultor de literatura da Fundação Cultural de Curitiba.

Sabemos que o trabalho da Crítica Textual (ou Edótica) – disciplina que tem como tarefa “reconstituir o original perdido, ou um

texto de qualquer maneira fidedigno, com base na tradição manuscrita e impressa, direta e indireta da obra”¹ –, voltou-se inicialmente para textos antigos (clássicos e medievais), a chamada tradição manuscrita, em que devido ao grande número de cópias efetuadas, sofreram alterações em seu percurso. Os textos da tradição impressa, em razão da presença de variantes ocasionadas pelos próprios procedimentos utilizados (problemas tipográficos, imperfeições da máquina, intervenções de editores, copistas, digitadores, revisores, compositores, corretores, etc), também mereceram estudos para sua fixação. Ao lado dessa etapa de preparo e estabelecimento do texto, a metodologia da Crítica Textual se ocupa ainda de uma segunda, a da apresentação do texto, instrumentalizando-o criticamente, com o objetivo de oferecer variados e consistentes subsídios à sua leitura.

No caso do *Catatau*, as circunstâncias que contemplam a primeira etapa ficaram minimizadas, senão abolidas, pelos motivos já expostos anteriormente, isto é, suas escassas edições, duas apenas, foram acompanhadas pelo próprio autor. Assim, a equipe de pesquisadores da PUC-PR optou por adotar como defini-

tivo o texto da segunda edição comparando-o com o da primeira e apontando as variantes. A novidade ficou por conta da indicação da existência de um datiloscrito com anotações de Leminski. Entretanto, a expectativa de que ele pudesse lançar luzes sobre o processo de composição do autor e da obra, parcialmente se frustra, na medida em que estava restrito a algumas poucas páginas, correspondendo a aproximadamente 20 das 256 do texto publicado, ou seja, menos de 8% do conjunto.

Apesar dessas considerações, a edição crítica foi merecidamente recebida com aplauso pelos críticos e apreciadores da obra de Leminski, especialmente aqueles que se interessam pela prosa de caráter experimental.

Bem cuidada, a edição da Travessa dos Editores, de Curitiba, é composta por um volume de 15,3 x 19,8 cm, de 432 páginas. Apresenta capa dura fixa, com outra solta sobreposta, trazendo a foto do autor nu, pernas cruzadas cobrindo o sexo, em posição de lótu, com fundo infinito. A fotografia fora tirada por Dico Kremer, companheiro de Leminski na agência de publicidade P.A.Z., de Curitiba, para a elaboração do cartaz de lançamento da primeira

¹ SPAGGIARI & PERUGI, 2004. p. 24.

edição. Naquele momento, a crítica de alguns escritores a esta estratégia de divulgação teve a seguinte resposta por parte de Leminski: “O que irrita [...] é que eu usei técnicas de propaganda para lançar um livro de literatura. Como se a literatura – numa sociedade de mercado e consumo – fosse algo de santo ou pátrio”².

A edição apresenta as mesmas dedicatórias, nota inicial, epígrafe e os dois textos explicativos sobre o romance, elaborados pelo autor, publicados na edição anterior. Quanto à seção reservada à fortuna crítica, são reproduzidas as diversas declarações de críticos, poetas e estudiosos, constantes daquela mesma edição, porém, resumidos os artigos antes integralmente publicados. Acrescentam-se, entretanto, indicações e trechos destacados de novos textos (livros, ensaios, artigos, entrevista). Como contribuição crítica o livro traz ainda, sete novas seções: “Iconografia”, contendo 33 fotos do acervo particular da família, incluindo as tiradas no lançamento da primeira edição do *Catatau*; “Índice Onomástico”, de personalidades históricas, bíblicas e míticas, de

topônimos e da expressão “Invasão Holandesa”.

Cabe aqui uma pequena observação a respeito da “hipótese-fantasia” que orienta a fábula do *Catatau*, isto é, a possível vinda do filósofo francês René Descartes ao Brasil, junto à comitiva do conde holandês Maurício de Nassau, em 1630. O poeta, tradutor e ensaísta recifense Delmo Montenegro, em artigo publicado na coletânea-homenagem a Paulo Leminski intitulada *A Linba que Nunca Termina* (2004), organizada por André Dick e Fabiano Calixto, registra “o descaso da crítica sobre o caldo de cana da história brasileira diante do qual o nosso querido samurai polaco-nagô teceu-nos o seu surpreendente ‘canto paralelo’ de fluxopoemas galáticos e ciropédias lexicais”. Em seguida, pergunta: “Será que somos de fato todos eruditos absolutos conhecedores plenos da história de fundo e da planta de fumo que cerca o *Catatau*? Será que podemos de fato compreender uma paródia sem lê-la em relação direta com suas fontes de origem?”³.

Feita a ressalva de que o *Catatau* é uma obra de ficção literária, um romance, e que, portanto, por

² VAZ, 2001. p. 176.

³ MONTENEGRO, 2004. p. 258.

princípio, tem total liberdade para o “jogo lúdico das paródias e trucagens literárias”⁴, Montenegro, apoiado em alguns historiadores do Brasil-colônia, aponta “erros gritantes” quanto ao fundo histórico que supostamente norteia a narrativa leminskiana. “Erros” que, segundo ele, deveriam ser corrigidos pela crítica ou explicados, se de fato constituíssem (o que não parece ser o caso) uma provocação consciente do autor. Um deles seria a confusão sobre os termos *Vrijburg* e *Mauritstadt*, indicados em nota por Leminski como sendo designações da cidade de Olinda. Na verdade, o primeiro “era o nome de uma das três residências conhecidas do conde João Maurício de Nassau-Siegen”, e o segundo o nome de “uma *outra* cidade projetada pelos holandeses para ser o centro irradiador de sua gestão”, erguida na “ilha de Antônio Vaz, atual ilha de Santo Antônio”⁵. Outro engano, talvez por homonímia, teria ocorrido entre as figuras de João Maurício de Nassau-Siegen (1604-1679), conde, Governador-Geral do Brasil holandês, e Maurício de Nassau (1567-1625), príncipe da dinastia de Orange. Historicamente, Descartes (1596-1650) teria servido ao segundo. Ao

lado desses, Montenegro aponta, ainda, algumas contradições históricas referentes ao personagem Arciszewski, quanto a datas e circunstâncias que o envolveram.

Terminada essa observação, retomamos a apresentação e os comentários a respeito das demais seções do livro. Pela ordem, segue-se “Procedimentos Neológicos (Leminskianas)”: aqui a equipe de pesquisadores optou, no item correspondente à organização do glossário da obra, por apresentar uma breve explicação dos processos neológicos utilizados pelo autor, com alguns exemplos de formação de palavras, e um registro do uso do léxico de outras línguas (tupi, latim, japonês, italiano, holandês, francês, grego, espanhol, inglês e alemão); “Plano do Catatau”: reprodução, sem análise, de um plano sinótico da obra, tal qual encontrado entre as anotações do datiloscrito da primeira edição (indicações numeradas em seqüência com algumas lacunas e repetições numéricas); “Biografia de Paulo Leminski”: sucinta, seguida de uma relação, não tão completa quanto desejável, de suas obras (estão ausentes alguns livros de ficção, poesia, tradução e ensaios; colaborações em livros de

⁴ MONTENEGRO, 2004. p. 257.

⁵ MONTENEGRO, 2004. p. 260.

outros autores; artigos, ensaios e resenhas em jornais e revistas; sua produção musical e roteiros de HQ, já listados em outros estudos) e “Referências” bibliográficas e eletrônicas das obras consultadas para realização da edição crítica e de outras referentes ao *Catatau*.

Infelizmente, o “Prefácio Crítico” por Flora Süssekind, embora previsto pela equipe de pesquisadores e anunciado no texto de apresentação do “Processo de Estabelecimento da Edição Crítica”, não consta do corpo do livro. Seria, sem dúvida uma grande contribuição para a apreciação e o entendimento da obra.

Destacamos, a seguir, algumas razões e circunstâncias que teriam favorecido e até mesmo justificada a publicação desta edição do *Catatau*, de Paulo Leminski. A primeira é imediata e óbvia: as edições anteriores há muito estavam esgotadas e, conseqüentemente, o livro era mais citado que lido. Uma outra deriva do fato de que o *Catatau* vinha sendo objeto de estudos, alguns de maior fôlego, e despertando expectativas na nova geração de leitores, chegando, inclusive, a ter uma versão eletrônica parcial (<http://informum.insite.com.br/pauloleminski/>), sem crivo editorial, elaborada por um admirador.

Outra razão que nos parece importante foi a oportunidade criada pelo movimento editorial que vinha se processando: a publicação do *Finnegans Wake*, de James Joyce, traduzido por Donald Schüler, de 1999 a 2003 (cinco livros), pela Ateliê Editorial; a também tradução, por Maria Luiza X. de A. Borges, em 2002 (Jorge Zahar Editor), de *Alice: Edição Comentada* [“The Annotated Alice: The Definitive Edition”] com as introduções e notas de Martin Gardner e ilustrações originais de John Tenniel, contendo as *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho*, de Lewis Carrol; e a publicação da segunda edição revista do *Galáxias*, de Haroldo de Campos, pela Editora 34, organizada por Trajano Vieira, em 2004. O parentesco do *Catatau* com essas obras, nas quais a linguagem é conduzida aos seus limites extremos, é fartamente reconhecido.

A presente edição, ao repor em circulação a radicalidade da prosa de Paulo Leminski, não só atua no sentido de preencher uma grave lacuna do nosso mercado editorial, como também, segundo as palavras de Décio Pignatari, seu mentor, na Apresentação do livro, no de “levar e elevar o seu *Catatau* aos campos Elíseos literários do que de mais instigante e original se produziu no passado século brasileiro”.

Referências Bibliográficas

MONTENEGRO, Delmo. *Sukkar in hell: uma leitura do Catatau através do Recife*. In: DICK, André & CALIXTO, Fabiano (Org.). *A linba que nunca termina: pensando Paulo Leminski*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

VAZ, Toninho. *Paulo Leminski: o bandido que sabia latim*. Rio de Janeiro: Record, 2001.